

CONCEPÇÃO DE VIRTUDE EM ESPINOSA

SANCHES, Ricardo Roger.¹

RU 1178277

BONFIM, Lucília M.G.A.²

RESUMO

Neste artigo analisa-se a concepção de virtude na Ética espinosiana e seu papel no caminho que conduz o homem à liberdade, evidenciando o quanto o sábio é mais potente que o ignorante, pois o sábio busca conhecer as virtudes a partir de suas causas, como meio de regular os afetos por amor incondicional à liberdade. A virtude em Espinosa pode ser entendida como força, como a perseverança do ser, a expansão do *conatus*, a potência de agir. A virtude assim determinará a teoria dos afetos, é o desejo que se segue das ideias adequadas, sendo alcançada pelo uso da razão. A pesquisa realizada é teórica de natureza bibliográfica. É, sobretudo, na parte V da Ética (1677) – que trata da potência da razão como poder sobre os afetos, o que é a liberdade humana ou a beatitude da mente, que se encontra desenvolvido o objeto de análise do presente artigo. A Ética conclui, que a liberdade será proporcional ao conhecimento no homem, sendo assim, quanto mais se conhece a causa, mais livre o homem será e mais se realizará. Assim, o caminho para uma vida livre baseada nas virtudes é árduo, mas pode ser encontrado.

Palavras-chave: Virtude; Liberdade; Afetos; Felicidade.

1 INTRODUÇÃO

Baruch de Espinosa (1632-1677), nascido em Amsterdã, filho de judeus portugueses, foi um dos principais filósofos racionalistas, ao lado de Descartes e Leibniz, no século XVII. Seu pensamento filosófico difere de seus contemporâneos em vários aspectos, principalmente por sua visão monista e imanente do universo e de Deus. Seu pensamento não só encontrou opositores em outras correntes filosóficas como também foi considerado herege pela sinagoga holandesa, motivo que culminou com sua excomunhão em 1656 da comunidade judaica. Apesar de viver num humilde porão, trabalhando como polidor de lentes para garantir seu sustento, sem

¹ Aluno do Centro Universitário Internacional UNINTER. Artigo apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso – 2º semestre – 2017.

² Professora Orientadora no Centro Universitário Uninter.

muitos pertences, tendo renunciado a uma substancial herança, preferindo a simplicidade e a solidão, mantinha contato com as cabeças mais pensantes da Europa de seu tempo, através de contínuas correspondências. Publicou em vida, algumas obras, mas sua principal é o tratado 'Ética' (1677), que foi lançado somente após a sua morte, com a ajuda de amigos.

Espinosa ocupa um lugar de grande importância na história da filosofia, sendo de grande influência para pensadores como Nietzsche, Freud, Bergson, Einstein entre outros. O filósofo holandês, considerado o pai do criticismo religioso, foi um filósofo crítico da superstição religiosa, política e filosófica. Mesmo tendo sido excomungado da comunidade judaica, jamais contrariou seus princípios éticos e morais, não abrindo mão de ser um pensador livre, um investigador da natureza humana e das leis que regem a vida (DELEUZE, 2002).

Este artigo tem por objetivo analisar qual a concepção de virtude na *Ética* (1677) de Espinosa e o seu papel no caminho que conduz o homem à liberdade. Para isto, pretendemos demonstrar como a potência da razão tem poder sobre os afetos e a virtude como beatitude da mente.

Destacar qual a concepção de virtude em Espinosa é fundamental para a compreensão de sua *Ética*, pois é a chave para o caminho que conduz o homem a liberdade e felicidade, pois é o próprio agir da virtude a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior, da expansão do *conatus*, do ganho da potência de agir. Mas, por que o interesse em empreender a tarefa de conceber a virtude nesse autor? Primeiramente, pela admiração por sua própria conduta ética em vida. Espinosa não foi um filósofo admirado apenas por sua teoria filosófica, mas, sobretudo, pela sua coerência ética-existencial. Afirma Deleuze (2002, p.18), que "para Espinosa, a vida não é uma ideia, uma questão de teoria. A vida é uma maneira de ser, um mesmo modo eterno em todos os seus atributos". Ou seja, não se trata apenas de uma teoria desenvolvida pelo autor, mas uma espécie de modelo, vivenciado por ele em sua própria existência. Ernesto Renan, que proferiu o discurso oficial na inauguração em Haia, em 1882, de um monumento dedicado a Espinosa, proferiu: "eis o homem que teve a mais profunda visão de Deus" (ROHDEN, 196,1 p.57).

No que se refere aos procedimentos práticos, este artigo é um estudo que tem como metodologia uma pesquisa teórica de natureza bibliográfica acerca da temática. É, sobretudo, na parte V da *Ética* – a potência do intelecto ou a liberdade humana – que trata da potência da razão como poder sobre os afetos, o que é a liberdade humana ou a beatitude da mente, que se encontra desenvolvido o objeto de análise deste presente artigo.

Para apresentar qual a concepção de virtude em Espinosa, o artigo abordará nos seguintes capítulos o poder da razão sobre os afetos, através do conhecimento de segundo e terceiro gênero, a liberdade humana enquanto realização da virtude em si, seguida da metodologia e das considerações finais. Buscaremos assim, demonstrar como a virtude é a oposição da paixão, sendo o caminho pelo qual conduz o homem à liberdade, alcançada pelo uso da razão como poder sobre os afetos.

2. A CONCEPÇÃO DE VIRTUDE

A *Ética* de Espinosa é uma ética da virtude, diferentemente da ética do dever. Estende-se além da esfera da moralidade. Grande parte da ética do dever incide sobre nossas obrigações para com os outros. É um conjunto de regras a serem seguidas. Utilizam-se para essa ética, termos (deônticos) como certo e errado. Já a ética das virtudes abrange o sujeito e suas preocupações. É a busca da excelência por si mesmo. Utilizam-se termos (areteicos) como virtuoso, bom, admirável. A questão central da ética do dever é: o que devo fazer? Já a ética da virtude irá considerar o que devo ser? Como devo viver? Assim, a ética da virtude passa a considerar que tipo de pessoa o sujeito deve ser e que tipo de vida quer levar. (HOOFT, 2013)

A seguir, demonstraremos como a virtude para Espinosa é o desejo que provêm das ideias adequadas e a liberdade como uma espécie de auto-determinismo, sendo alcançada pelo amor intelectual a Deus.

2.1 VIRTUDE: DESEJO PROVENIENTE DE IDEIAS ADEQUADAS

A virtude vem sendo tratada ao longo da história da filosofia por diversos autores que se dedicaram a discutir sobre ética e moral. Platão considerava que a virtude modela a alma e assemelha-nos aos deuses. Aristóteles identifica a felicidade como realização existencial mediante a prática das virtudes. Sêneca coloca que a sabedoria consiste na vida virtuosa que faz do bem moral o valor supremo da existência sobre a face da terra. Kant define a virtude como a fortaleza moral de um homem no cumprimento de seu dever (FERACINE, 2011; SCHERER, 2011).

Para Espinosa, a felicidade consiste na própria realização da virtude, mas o que seria a virtude? Seriam os hábitos constantes que levam o homem para o caminho do bem? Em sua obra, podemos definir a virtude a partir da sua própria etimologia latina *Virtus*: força. Na *Ética* (1677), virtude é força, é desejo, é o próprio conatus se expandindo, é a perseverança do ser (CHAUI, 1995).

Se para Kant, a doutrina da virtude constitui-se como uma doutrina dos deveres, para Espinosa seria a doutrina do necessário. Porque para Espinosa, a essência do homem sendo o desejo, o primeiro e único fundamento da virtude, ou do princípio correto de viver, consisti em buscar aquilo que é útil para si. “A virtude ou liberdade consiste em procurar aquele bem que por sua realidade atual e necessária realiza plenamente nosso desejo: Deus. Por isso a liberdade é definida como amor intelectual de Deus”. (SPINOZA, 1983, p.17).

Para entendermos a concepção de virtude, é fundamental investigarmos como se dá a potência da razão sobre os afetos. A proposição II da parte V define: “um afeto que é uma paixão deixa de ser uma paixão assim que formamos dele uma ideia clara e distinta”. (SPINOZA, 2009, p.216). De acordo com essa proposição, uma ideia clara e distinta nada mais é do que conhecer o afeto pela sua causa, ou seja, pelo uso da razão. Na proposição seguinte, define que “não há nenhuma afecção do corpo da qual não possamos formar algum conceito claro e distinto” (SPINOZA, 2009, p. 217). Assim, como podemos formar uma ideia clara e distinta sobre qualquer afeto, podemos ter conhecimento de sua causa. “Cada um de nós tem o poder de, se não absoluto, ao menos parcial, de compreender a si mesmo e de compreender os seus afetos [...] consequentemente padecendo menos por sua causa” (SPINOZA, 2009, p.217).

Padecer menos pelo conhecimento daquilo que nos afeta, é não ser determinado pelas paixões, mas sim, ser governado pelas virtudes. Dessa forma, o que diferenciaria a paixão da virtude, seria a origem das ideias, que podem ser adequadas e inadequadas, dependendo se formamos uma ideia clara e distinta dos afetos. De acordo com a proposição IV da Parte V, em que afirma que todos os apetites ou desejos são paixões apenas à medida que provêm de ideias inadequadas, enquanto os mesmos desejos são considerados virtudes quando são suscitados ou gerados por ideias adequadas, a importância de se formar uma ideia clara e distinta justifica-se como sendo o caminho necessário para transformar um desejo em virtude. “A potência da mente é definida, exclusivamente pelo conhecimento, enquanto sua impotência ou paixão é medida, exclusivamente pela privação do conhecimento” (SPINOZA, 2009, p. 226).

Mas, quando não temos ou não conseguimos ainda formar uma ideia clara e distinta de um afeto? Espinosa adverte que devemos conceber um princípio correto de viver, regras seguras de vida e aplicá-las continuamente, para que possa afetar a nossa mente, de maneira que esteja sempre a disposição. Assim, quem tem amor à liberdade se esforçará por conhecer as virtudes e suas causas, sendo guiado, na maioria das suas ações sob o comando da razão (SPINOZA, 1983).

Se para Aristóteles a virtude (*areté*) seria a moderação (*mesótês*), o meio termo entre o excesso e o vício, o caminho para uma vida virtuosa, para Espinosa, agir por virtude é agir por conhecimento de causa, é a libertação das paixões. Não há em Espinosa, diferentemente de Aristóteles e a ontologia clássica, a divisão entre mente e corpo. O homem é uma unidade, que está no mundo, que afeta é afetado o tempo todo. Não considera a apatia diante das paixões, mas seu completo conhecimento. Não há uma tentativa de Espinosa de construir uma moral universal para se atingir a virtude, pois cada ser humano é um indivíduo, e cada encontro único, sendo que não existe um conceito de bom ou ruim universal, um código moral a seguir. Porque bom é aquilo que aumenta a potência de agir e o ruim aquilo que diminui, o que pode variar de pessoa para pessoa, como para cada encontro possível. (SILVEIRA, 2000; CHAUI, 1995)

É necessário, porém, distinguir quais são as vias do conhecimento para o filósofo holandês. O autor classifica o conhecimento em conhecimento de primeiro

gênero, ou opinião ou imaginação; conhecimento de segundo gênero, ou razão; e conhecimento de terceiro gênero ou ciência intuitiva.

O conhecimento de primeiro gênero é originado da experiência errática e a partir dos signos – aqui pertencem todas as ideias inadequadas. Deleuze indica que nesse conhecimento, nossas ideias de afecções indicam um estado do nosso corpo, mas não explicam a natureza ou a essência do corpo exterior. Podemos afirmar que isso equivale a dizer que “as ideias que temos são signos, imagens indicativas impressas em nós, e não ideias expressivas e formadas por nós; são percepções ou imaginações, e não compreensões” (DELEUZE, 1968, p.100).

O conhecimento de segundo gênero surge por termos ideias adequadas das coisas, pelo uso da razão. A razão, aliás, não exige nada que lhe seja contrário à natureza (Deus), apenas que cada qual ame a si próprio, buscando o que lhe seja útil, que deseje aquilo que efetivamente conduza o homem a uma perfeição maior. (SPINOZA, 2009).

Para o conhecimento de terceiro gênero, partimos da ideia adequada da essência formal de certos atributos de Deus, para chegar ao conhecimento adequado da essência das coisas. Sendo a essência das coisas – Deus, para Espinosa: “A virtude suprema da mente, isto é, sua potência ou natureza, ou seja, seu esforço supremo consiste em compreender as coisas por meio do terceiro gênero [...] a virtude suprema da mente consiste em conhecer a Deus” (SPINOZA, 2009, p.229).

O conhecimento pelo terceiro gênero é o conhecimento onde a virtude suprema da mente, a realização máxima do homem, é comum a todos e todos podem desfrutar igualmente. Sendo o bem supremo, dos que buscam a virtude, consiste unicamente em conhecer a Deus, é “um bem comum a todos os homens e que pode ser possuído igualmente por todos os homens, à medida que são da mesma natureza” (SPINOZA, 2009 p. 178).

A respeito da ideia de Deus:

Há uma identidade absoluta com a existência e com a potência. Deus é a Substância, ou seja, o Ser que é causa de si, que existe em si e por si, que é concebido em si e por si e que é constituído por infinitos atributos, infinitos em seu gênero e cada um deles exprimindo uma das qualidades infinitas da

substância. Desses atributos conhecemos dois: o pensamento e a extensão. (SPINOZA, 1983, p. 14)

Não cabe nesse tratado definir a concepção de Deus em Espinosa, mas é importante destacar para esclarecimento do que se trata o conhecimento do terceiro gênero, que em sua *Ética* não se tem a ideia de um Deus criador, conforme a tradição religiosa cristã-judaica e passa-se a conceber Deus como autoprodutor, sendo Deus a substância e causa de si mesmo. Esse pensamento desumaniza Deus, tirando seu caráter antropomórfico dado pela religião, sendo que Deus não age por finalidade, caso contrário “Deus agiria em vista de um fim diferente dele próprio e há, portanto, algo mais perfeito ou superior a Deus a que ele visa atingir quando produz as coisas — isto é, obviamente, um absurdo” (SPINOZA, 1983, p.14). Ou, então se Deus agisse “tendo como fim sua própria satisfação, o que significa que Deus precisa das coisas para tornar-se satisfeito, isto é, completo e perfeito isso seria um absurdo ainda maior” (SPINOZA, 1983, p.14).

Portanto, se Deus agisse por finalidade, seria contra a própria ideia da perfeição de Deus. Assim, não vivemos sob a tirania de um Deus ditador, que age por sua vontade. Ao colocar que os dois atributos que conhecemos a extensão e o pensamento, leva a filosofia de Espinosa a ser considerada como um cosmoteísmo, isto é, Deus e o cosmos formam uma unidade inseparável. (PONCZEK, 2009).

Assim, o homem pode se assemelhar cada vez mais a Deus se ascender em suas ideias, por meio do conhecimento, substituindo suas percepções confusas por ideias adequadas. Espinosa não separa o homem do mundo, mas o integra-o, e não coloca a salvação do homem ou a busca da felicidade como um ideal a *posteriori*, como um prêmio, mas sim no agir de cada dia, através da compreensão das leis que regem a natureza, pelo conhecimento de *causa*, e não através de uma percepção parcial e equivocada. (LIMA, 2008).

A virtude da alma é conhecer. Ela é passiva quando o conhecimento depende de causas exteriores — é passiva na imaginação. Ela é ativa quando o conhecimento depende dela própria, de sua força própria — é ativa na razão. É ativa quando consegue compreender a ordem e conexão necessária do real, a produção do real e a inserção do homem nessa produção. Por tudo que foi dito, compreende-se que o retrato do homem livre, para Espinosa,

seja o homem que não faz o mal justamente porque o ignora — é o homem que age para além do bem e do mal porque age apenas pela força interior de seu desejo e de sua compreensão (SPINOZA, 1983, p.17).

Espinosa propõe que o amor intelectual da mente para com Deus é o próprio amor de Deus, com o qual ele ama a si mesmo. Esse amor nasce no terceiro gênero do conhecimento e é eterno. Por isso, esse amor deve estar referido à mente, à medida que esta age, e, portanto, ela é a própria virtude. (SPINOZA, 2009)

Dessa forma, nos deleitamos com tudo que compreendemos por meio do terceiro gênero do conhecimento, com uma alegria acompanhada da ideia de Deus como sua causa. O amor para com Deus tem todas as perfeições do amor. “Se a alegria consiste na passagem para uma perfeição maior, a beatitude deve, certamente, consistir, então, em que a mente está dotada da própria perfeição” (SPINOZA, 2009, p. 232).

Em relação à beatitude, que consiste no amor para com Deus, Espinosa afirma: “a beatitude não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude; e não a desfrutamos porque a refreamos os apetites lúbricos, mas, em vez disso, podemos refrear os apetites lúbricos porque a desfrutamos” (SPINOZA, 2009, p.238).

Uma vez definida as vias do conhecimento, cabe esclarecer mais precisamente no que consiste a virtude. O filósofo monista define que a virtude não consiste senão em agir pelas leis da natureza (Deus), e que ninguém se esforça em conservar o seu ser senão pelas leis de sua natureza. Dessa forma, segue-se (SPINOZA, 2009, p.169):

- (1) Que o fundamento da virtude é esse esforço por conservar o próprio ser e que a felicidade consiste em o homem poder conservá-lo;
- (2) Que a virtude deve ser apetecida por si mesma, não existindo nenhuma outra coisa que lhe seja preferível ou que nos seja mais útil e por cuja causa ela deveria ser apetecida;
- (3) Aqueles que se suicidam tem o ânimo impotente e estão dominados inteiramente por causas exteriores e contrárias à sua natureza.

Fica evidente pela citação anterior que a felicidade para Espinosa consiste como o fundamento da virtude, ou seja, do esforço por conservar o próprio ser. Não é uma recompensa, um efeito, um ponto a alcançar, mas o próprio exercício da

perseverança em si, a expansão do *conatus*, da consciência das causas daquilo que nos afeta, o conhecimento de Deus. O *conatus* pode ser entendido como “o esforço para perseverar na existência, poder para vencer os obstáculos exteriores a essa existência, poder para expandir-se e realizar-se plenamente” (Spinoza, 1983, p.15). O *conatus* incorpora o exterior pelo seu próprio poder, enquanto na paixão, ele se torna incapaz disso. Assim, também podemos concluir que aquele que comete suicídio age contra a sua própria natureza, sendo tomado por paixões e ideias inadequadas.

2.2 VIRTUDE E LIBERDADE

A Ética de Espinosa é absolutamente afirmativa, por isso em seu pensamento a liberdade humana não é atributo de uma faculdade da alma, mas é a expressão efetiva daquilo que existe. Em outras palavras, “a liberdade é a efetividade de atividades sem constrangimentos por parte do homem, algo que, nesse sentido, constitui-se como pura expressão de sua potência de viver” (SILVA, 2015 p.104).

Um dos pontos principais do pensamento de Espinosa e que se opõe as correntes filosóficas de sua época, é a negação do livre-arbítrio habitual. Essa negação não culmina necessariamente num determinismo, pois defende a responsabilidade moral, direcionando sua filosofia para uma espécie de autodeterminação. Como “a liberdade é idêntica à consciência, e nenhum homem é pleniconsciente, nenhum homem pode ser plenilivre [...] apenas Deus é pleniconsciente, portanto plenilivre”. (ROHDEN, 1961, p.74).

A ideia de liberdade está vinculada a potência de agir no homem, que é influenciado pelas paixões e emoções. Assim, se diz que um afeto é positivo quando ele aumenta a potência de agir e negativo quando diminui a potência de agir. (LEME, 2013).

Não temos uma liberdade total, pois não existe um indeterminismo no universo, uma relação não causal. “O livre-arbítrio pressupõe o poder da razão para controlar os afetos. Para Espinosa, apenas uma ilusão. Que decorre da ignorância das causas

verdadeiras, eficientes, materiais que determinam certa ação” (MEUCCI FILHO, 2012, p. 76).

Por isso, a liberdade em Espinosa, é uma espécie de autodeterminação; não tenho liberdade para decidir sobre tudo o que me afeta, mas posso ir à busca do conhecimento, em ter consciência do que me afeta, daquilo que é a causa, e formar uma ideia clara e precisa sobre isto. A partir dessa consciência, menos padecerá o homem sobre aquilo que lhe afeta. (ROHDEN, 1961).

Não obstante, o conhecimento implica liberdade, e liberdade implica conhecimento, quanto maior o conhecimento maior a liberdade e mais atos autodeterminados poderei realizar, em vez de ser determinado por causas exteriores. Assim, minha liberdade é proporcional ao meu conhecimento. Isso leva indubitavelmente a demonstrar o porquê do sábio ser mais potente que o ignorante (ROHDEN, 1961; PEDRO, 2013).

Para o filósofo Clóvis de Barros Filho, as coisas que nos acontecem, os fragmentos de mundo que desfilam diante de nós, acabam interagindo conosco e nos transformando o tempo todo. Devido a isso, essa potência, tão fundamental para a vida, é só uma questão de instante, como todo o resto, talvez. (MEUCCI FILHO, 2012).

Podemos caracterizar a Ética de Espinosa como a ética da alegria e felicidade, de contentamento individual e política, de potência e ação. É a ética da alegria, porque é através dela que a potência de agir aumenta, é a expansão do *conatus*, da perseverança do ser, da busca pela autopreservação.

A liberdade em Espinosa se define pela prática das virtudes. Só é livre aquele que é sábio, e somente é sábio aquele que age de acordo com a razão, só age pela razão quem alcança o conhecimento de causa, e o conhecimento de causa é o conhecimento de Deus.

Engana-se quem se levou a imaginar que na filosofia espinosiana a realização daquilo que é útil para si, cai necessariamente num egoísmo social, ou na inclinação para o isolamento, no afastamento do indivíduo da sociedade. Para esclarecer possíveis interpretações errôneas, destacaremos algumas proposições de Espinosa que relaciona algumas virtudes essenciais, praticadas apenas pelo homem livre. Segue a análise:

“A sabedoria do homem livre não consiste na meditação da morte, mas da vida” (SPINOZA, 2009 p.200). O homem livre não age por medo da morte, mas sim pelo desejo do bem, da vida, deseja agir, viver, de conservar o seu ser, por isso o sábio não se preocupa com a morte, mas na meditação da vida.

“Somente os homens livres são muito gratos uns para os outros; o homem livre jamais age com dolo, mas sempre de boa-fé”. (SPINOZA, 2009, p.202) Ser útil é ser útil para si e para os outros; somente pessoas livres unem-se pela verdadeira virtude da amizade, e não por interesses mesquinhos e oportunistas. Não age na espera de favores, mas esforça-se pelo amor de fazer o bem um para o outro (SPINOZA, 2009). Essa preposição aproxima-se do pensamento estoico, nos dizeres de Sêneca, (*apud* FERACINE, 2011, p.90) “Nada deleita mais o espírito do que uma amizade fiel e meiga. Nada mais gratificante do que encontrar o coração a que possas confiar qualquer segredo”.

“O homem livre é mais livre na sociedade civil, onde vive de acordo com as leis comuns, do que na solidão, onde obedece apenas a si mesmo.” (SPINOZA, 2009, p.203). Assim, o homem livre jamais poderia agir por egoísmo ou vantagem própria, esquecendo-se do bem comum. A essa proposição, explica Espinosa: “todo aquele que se conduz pela razão deseja, também para os demais, o bem que apetece a si mesmo”. (SPINOZA, 2009, p.203). Porque é justamente pela ajuda mútua, que o homem consegue mais facilmente satisfazer suas necessidades. O homem quando é conduzido pela razão, deseja a fim de viver livremente, observar os direitos comuns da sociedade. Assim, observa o filósofo holandês, “o homem amará com mais constância o bem que ama e apetece para si próprio se vê que os outros também amam”. (SPINOZA, 2009, p.179)

2.3 METODOLOGIA

Este artigo é um estudo que tem por metodologia uma pesquisa teórica de natureza bibliográfica acerca da temática: A concepção de virtude em Espinosa, que visa alcançar os objetivos propostos. A pesquisa foi realizada por meio da leitura

sistemática e produção de fichamentos, a partir de livros, artigos, e fontes eletrônicas que abordaram o tema proposto.

O processo de análise do conteúdo disposto trata de relacionar a partir da obra *Ética* (1677), o conceito de virtude em sua obra, principalmente a partir da parte V, que trata do poder da razão sobre os afetos e a liberdade humana trazendo a discussão e ampliação do tema que também fora objeto de estudo por outros autores, que auxiliaram na compreensão do tema.

Entre as fontes eletrônicas pesquisadas, utilizamos o portal Scielo e Google Acadêmico. As revistas eletrônicas que serviram de base para a pesquisa foram *Os Cadernos Espinosianos*, vinculado a USP - que se encontram publicações acerca do pensamento de Espinosa e a revista eletrônica *Conatus*, também com a mesma finalidade, que está vinculada ao curso de mestrado acadêmico em Filosofia da Universidade Estadual do Ceará.

Entre os comentadores mais expressivos da obra de Espinosa e que serviram de base para esta pesquisa, destacamos a filósofa brasileira Marilena Chauí e filósofo francês Gilles Deleuze.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme analisamos ao longo do artigo, a *Ética* de Espinosa se classifica como uma ética da virtude, pois longe de apresentar um conjunto de regras a seguir, coloca o agente no centro das preocupações, como um ser que apesar de determinado pelo meio que lhe condiciona, é capaz de ser um agente livre capaz de se autodeterminar, pois todas as ações a que somos determinados, em virtude de um afeto que é uma paixão, pode ser determinado sem esse afeto, pela razão.

É por essa capacidade racional do homem, que Espinosa entende que ele pode viver sem ser escravo das paixões, vulnerável e determinado pelos afetos. O conhecimento pela causa, através do conhecimento de segundo e terceiro gênero, leva necessariamente o homem a formar ideias adequadas, tornando o desejo em virtudes.

O sábio, amante do conhecimento, dificilmente tem o ânimo perturbado, pois consciente de si, de Deus e das coisas, nunca deixa de ser, e desfruta da verdadeira satisfação de ânimo. Já o ignorante, inconsciente de si, de Deus e das coisas, vive agitado, de muitas maneiras, pelas causas exteriores, sem gozar da verdadeira disposição de ânimo.

Demonstrando a maneira dos geômetras sua Ética, nos esclarece como a ilusão do livre-arbítrio e as preocupações com um mundo transcendente afastaram o homem da vida. O tempo todo ocorrem novos encontros dos quais não temos absoluto controle, e que afetam diretamente a potência de agir no homem. Esses encontros são positivos se há um ganho de energia vital, e negativo se há uma diminuição na potência de agir. A capacidade de o ser perseverar em si mesmo, denominada *conatus*, busca sempre aquilo que é bom, aquilo que é positivo, que expande sua capacidade de ser e agir.

E essa busca pelo positivo, pelo que aumenta nossa potência, também encontra lugar na amizade genuína, no bem comum, que nos possibilita viver em harmonia com a sociedade civil, através de relações entre homens livres. Estes, despojados de interesses particulares e mesquinhos, pela razão, desejam o bem que apeteçam a si mesmos.

E a beatitude que consiste no amor a Deus, não é o prêmio da virtude, mas a própria virtude. E quanto mais uma mente desfruta desse amor, tanto mais compreende aumentado seu poder sobre os afetos, menos padecerá dos afetos que são maus.

Nas palavras de Deleuze (2002, p.23) “nenhum filósofo foi mais digno que Espinosa, mas também nenhum outro foi tão injuriado e odiado.” O pensamento de Espinosa ainda nos dias atuais contraria muito o pensamento vigente, seja pelas acusações de imoralista, ateu e materialista que ao longo da história muitos o acusaram. Por isso, é importante que novas pesquisas sejam realizadas, para que se possa desenvolver a compreensão de seu pensamento e contribuir assim para o esclarecimento de possíveis equívocos em torno de suas ideias.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Espinosa: uma filosofia da liberdade**. São Paulo. Moderna: 1995.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa Filosofia Prática**. São Paulo. Escuta: 2011.

FERACINE, Luiz. **Coleção pensamento e vida: Sêneca**. São Paulo. Escala: 2011.
v. 4. (Coleção Pensamento e Vida).

FILHO, Clóvis de Barros; MEUCCI, Arthur. **A vida que vale a pena ser vivida**.
Petrópolis, RJ. Vozes: 2012.

HOOFT, Stan Van. **A ética da virtude**. Petrópolis, RJ. Vozes: 2013.

LEME, André Paes. O conatus e a liberdade humana. **Cadernos Espinosianos**, São
Paulo, v. 28, p.109-127, jan/jun. 2013.

LIMA, Orion Ferreira. O conceito de felicidade em Espinosa. Marília: **Filogênese**, v.1,
nº 1, p. 97-105, 2008.

PEDRO, Ana. A ética como conatus em Espinosa. **Cadernos Espinosianos**, São
Paulo, n.29, p.26-36, jul/dez. 2013.

PONCZEK, Roberto Leon. **Deus, ou seja, a natureza: Spinoza e os novos
paradigmas da física**. Salvador: EDUFBA, 2009.

ROHDEN, Huberto. **Filosofia Contemporânea**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Freitas
Bastos, 1961.

SCHERER, Berta Rieg. A concepção de virtude em Kant. **Poiéses**, Tubarão, v. 4, n.
7, p. 79-90, Jan./Jun. 2011.

SILVA, José Fernando da. Liberdade como expressão de perfeição em Spinoza.
Cadernos espinosianos, São Paulo, n.32, p. 99-115, jan/jun. 2015.

SILVEIRA, Denis. As virtudes em Aristóteles. *Revista de Ciência Humanas*, Erechim,
v.1 n.1. p. 41-71, jan/dez. 2000.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, 2009.

SPINOZA, Benedictus de. Pensamentos metafísicos; Tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência / Baruch de Espinosa; seleção de textos de Marilena de Souza Chauí; traduções de Marilena de Souza Chauí. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983.